

A CABEÇA DO SANTO E GARCIA MÁRQUEZ_Parte 1

Desde que, em 1973, o Marcos Mazzotta me emprestou o livro “Cem anos de solidão”, que li de uma enfiada só nas viagens de trem diárias para Mogi das Cruzes, passei a acompanhar, ler e me divertir com as histórias do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, que se tornaria Prêmio Nobel de Literatura. Suas histórias derivadas da realidade latino-americana, o chamado realismo mágico, conquistaram meu paladar literário. Sempre que um novo livro era lançado, corria para as livrarias para adquirir o meu exemplar.

Garcia Márquez faleceu dez anos atrás na Cidade do México, onde vivia. Nascido na pequena Aracataca, interior da Colômbia, um dos filhos de uma família numerosa, teve sua vida mudada com a ida para Bogotá aos 13 anos de idade, onde estudou direito e depois jornalismo, elemento essencial para sua literatura. Aracataca virou Macondo, a mítica cidade imaginária de “Cem anos de solidão”, que virou símbolo do realismo mágico ou fantástico da América Latina, com sua profusão de absurdos que confundem verdade e magia. Ao final da vida, deixou um romance dito inacabado, não conseguiu retrabalhar o texto como sempre fazia e disse para não publicarem. Dez anos após sua morte, no entanto, os filhos do escritor, Gonzalo e Rodrigo Barcha não lhe deram ouvidos e autorizaram a publicação do romance “Em agosto nos vemos”.

O romance, encerramento da trilogia “sobre o amor na idade madura”, que começou com os romances “Do amor e outros demônios” (1994) e “Memória de minhas putas tristes” (2004), conta a história de Ana Magdalena, uma mulher que viaja todo mês de agosto para visitar o túmulo da mãe, e, durante uma de suas viagens, trai seu marido com um homem no bar do hotel em que está hospedada. Se existiam razões éticas para evitar a publicação, acho que estão superadas, não se deveria deixar que nós, os leitores apaixonados pela literatura de Gabo, fôssemos privados da leitura.

É o mesmo sentimento que tenho em relação às belas músicas que John Lennon deixou inacabadas. Yoko Ono liberou e os demais Beatles se reuniram para lapidar e mostrar a todos nós, a prestação. O relançamento em streaming do documentário “Let it Be”, aquele do último concerto dos Beatles no rooftop da Apple é uma dessas coisas antigas que vale a pena ver, rever e ouvir de novo. Originalmente lançado em 1970, cada música é mais bonita que a outra, porque deveríamos deixar de ouvir ou ler coisas tão maravilhosas num mundo onde a beleza é cada vez mais escassa?

E a cabeça do santo? É assunto pra próxima anacrônica, mas tem tudo a ver.

Mauro Ferreira é arquiteto